

# Decolonizando a beleza: a influência das texturas capilares naturais na estética de mulheres negras brasileiras

Kelen Cristina Duarte e Hellen Cordeiro Alves Marquezini

## RESUMO

O objetivo da presente investigação é compreender como a assunção de texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e senso estético de mulheres negras. A relevância dessa questão está no entendimento das formas de resistência (ou não) à colonialidade que ocorrem no cotidiano destas mulheres. Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória por meio de história de vida com recorte temático, resgatada por meio de entrevistas aprofundadas. A história foi analisada por meio da Análise Temática de Braun e Clark em consonância com Atkinson. Os achados revelaram que as possibilidades de interação e criação de conteúdo presentes na internet foram elementos fundamentais para a construção de novas referências de beleza, que incluem a estética negra dentro do belo. Ainda, que o senso de pertencimento a uma comunidade de iguais em quem se espelhar é um elemento fundamental para decolonizar a subjetividade e reconstruir as noções estéticas e de beleza de mulheres negras que realizaram transição capilar. Conclui-se que a assunção dos cabelos naturais por mulheres negras tem potencial transformador do ser, libertando-o dos preceitos sociais racistas esperados pela sociedade.

Palavras-Chave: decolonialidade; transição capilar; mulheres negras; noções decoloniais de beleza; senso estético de mulheres negras.

*Decolonizing beauty: the influence of natural hair textures on the aesthetics of Black Brazilian women*

## ABSTRACT

The aim of this research is to understand how the assumption of natural hair textures contributes to the decolonial redefinition of Black women's notions of beauty and aesthetic sense. The relevance of this question lies in understanding the forms of resistance (or not) to coloniality that occur in women's daily lives. An exploratory qualitative study was carried out using a life story with a thematic focus, retrieved through in-depth interviews. The story was analyzed using Braun and Clark's Thematic Analysis in line with Atkinson. The findings revealed that the possibilities of interaction and content creation present on the internet were fundamental elements in the construction of new references to beauty, which include Black aesthetics within beauty. Furthermore, the sense of belonging to a community of equals to look up to is a fundamental element in decolonizing subjectivity and reconstructing the aesthetic and beauty notions of Black women who have undergone a hair transition. The conclusion is that the assumption of natural hair by Black women has the potential to transform their being, freeing them from the racist social precepts expected by society.


Keywords: decoloniality; hair transition; Black women; decolonial notions of beauty; aesthetic sense of Black women.

Recebido em: 06/09/2024

Revisado em: 25/06/2025

Aprovado em: 22/09/2025



Kelen Cristina Duarte ,

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Doutora em Administração, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

[duartekelencristina@gmail.com](mailto:duartekelencristina@gmail.com)

Hellen Cordeiro Alves Marquezini ,

Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Brasil.

Doutora em Administração de Empresas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Brasil.

[hellenmarquezini@gmail.com](mailto:hellenmarquezini@gmail.com)

## Introdução

*E essa coisa de esvaziar a beleza da mulher preta é uma das nuances do racismo. De não considerar: primeiro, mulher, nem uma mulher digna de elogio, de afeto, de disponibilidade para amar. E principalmente de não ser bonita. E isso começa na mais tenra infância com o cabelo. O cabelo, para a mulher preta, é uma senhora questão. (...) O racismo é um buraco muito profundo”.*

Rita Batista

A forma como os indivíduos relacionam com a própria imagem tem implicações significativas em múltiplas esferas da vida social (Bleidorn *et al.*, 2016; McMullin & Cairney, 2004). Essa relação é profundamente marcada por construções sociais de beleza, forjadas ao longo do processo colonial e ainda vigentes por meio da colonialidade do ser, do saber e da estética (Quijano, 2005; Moreno, 2015). As noções hegemônicas de beleza, baseadas em traços fenotípicos brancos e eurocentrados, têm, historicamente, excluído corpos racializados, especialmente os de mulheres negras, daquilo que é socialmente considerado belo (Gomes & Arrazola-Arrazola, 2019; Moraes *et al.*, 2022; Ribeiro, 2021).

No campo dos Estudos Organizacionais, tem se ampliado a compreensão de que as organizações não apenas gerenciam pessoas, tarefas e resultados, mas também exercem influência ativa na produção e na regulação de normas sociais — entre elas, os padrões estéticos (Hancock & Tyler, 2007; Lima-Souza *et al.*, 2024; Teixeira *et al.*, 2016; Witz *et al.*, 2003). A estética organizacional, muitas vezes sustentada por uma lógica eurocêntrica e patriarcal, reproduz modelos normativos que marginalizam corpos dissidentes, especialmente aqueles racializados e femininos (Ferreira & Nunes, 2024). A regulação estética, portanto, é também uma forma de controle organizacional que atua sobre o corpo, reforçando hierarquias raciais e de gênero no ambiente de trabalho (Flores-Pereira, 2010; Moraes *et al.*, 2022).

Nesse contexto, a adoção de texturas capilares naturais por mulheres negras —frequentemente lida como inadequada ou não profissional — constitui um gesto político e estético de resistência à normatividade organizacional e colonial. Tal movimento não apenas redefine padrões individuais de beleza, mas também tensiona os discursos organizacionais sobre aparência, competência e pertencimento (Queiroz, 2019).

Embora o tema da transição capilar tenha recebido atenção nos estudos sobre identidade (Queiroz, 2019; Mesquita *et al.*, 2020) e consumo (Braga & Souza, 2019; Oliveira & Cristino, 2021), as abordagens que investigam sua relação com os Estudos Organizacionais, sob uma perspectiva decolonial, ainda são escassas. Assim, este artigo busca responder à seguinte pergunta: **como a assumpção de texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e do senso estético entre mulheres negras, e quais as implicações dessa redefinição para os Estudos Organizacionais?**

Para tanto, conduzimos uma investigação qualitativa de natureza exploratória, fundamentada na metodologia da história de vida com recorte temático (Pinto *et al.*, 2016), com base em entrevistas aprofundadas. A análise

fundamenta-se nos aportes da teoria decolonial e na estética organizacional crítica, visando articular as dimensões da subjetividade racializada e da normatividade organizacional. A abordagem decolonial se baseia na proposta de virada dos estudos organizacionais no sentido de pensar de um outro ponto de vista como proposto por Wanderley e Barros (2016), especialmente em uma agenda decolonial como apontam Abdalla e Faria (2017).

Este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se o referencial teórico, que discute as diferentes expressões da colonialidade, com ênfase na estética e no contexto organizacional. Em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos e a história da entrevistada, automeada “Bonita”. Por fim, são discutidas as reflexões analíticas à luz da perspectiva decolonial e as implicações para o campo dos Estudos Organizacionais e a Conclusão é apresentada.

## ■ Quadro teórico

### As colonialidades e a opção decolonial

O colonialismo europeu não apenas dominou territórios e corpos, mas impôs uma racionalidade global que organizou o mundo a partir da perspectiva do colonizador. Essa racionalidade se consolidou por meio do que Aníbal Quijano (2005) denominou modernidade/colonialidade, uma matriz de poder global que permanece ativa mesmo após os processos formais de descolonização.

A modernidade, frequentemente celebrada como o marco do progresso, da ciência e da racionalidade, é inseparável da colonialidade, sua face violenta e hierarquizante. Não há modernidade sem colonialidade (Mignolo, 2003). Enquanto a modernidade se apresentou como promessa universal de desenvolvimento, liberdade e civilização, a colonialidade operou como mecanismo de desumanização, classificando povos, culturas e saberes como inferiores — ou seja, como carentes do mesmo progresso que a modernidade prometia. A esse arranjo Quijano (2005) deu o nome de matriz colonial do poder.

Essa matriz se sustenta em pilares interdependentes: a invenção da ideia de raça, a estruturação de um capitalismo global racializado, a imposição de um modelo epistêmico eurocêntrico e a construção de uma estética do gosto e da beleza que exclui o “Outro” (Quijano, 2005; Maldonado-Torres, 2007; Mignolo, 2008; Moreno, 2015). A raça, construída como categoria biológica no início da modernidade, legitimou o domínio europeu, convertendo a diferença fenotípica em fundamento de hierarquização. Essa racialização foi central para a consolidação de um sistema-mundo eurocentrado, em que o homem branco europeu, proprietário e racional, é a medida de humanidade (Quijano, 2005). Os corpos racializados, ao contrário, foram desumanizados, reduzidos a objetos de trabalho, de desejo ou de violência (Lugones, 2014; Maldonado-Torres, 2007).

A partir dessa matriz, Quijano (2005) propõe a compreensão de distintas formas de colonialidade: a do poder, do ser, do saber. De acordo com o autor (2005), a colonialidade do poder refere-se à imposição de um padrão de dominação global; a do saber, à validação exclusiva de formas de conhecimento eurocentradas; a do ser, à negação da humanidade plena dos sujeitos colonizados. Lugones avança essa matriz a partir da compreensão da colonialidade do gênero (Lugones, 2014) e Moreno (2015), por meio da colonialidade estética. A colonialidade de gênero denuncia a imposição de um sistema binário e patriarcal eurocentrado sobre cosmologias diversas (Lugones, 2014); já a estética, por sua vez, opera como legitimação simbólica da hierarquia racial, estabelecendo o gosto, o belo e o aceitável a partir dos padrões do colonizador (Moreno, 2015).

Neste sentido, a negação da humanidade aos povos colonizados estendeu-se ao campo do gosto, cujos corpos não brancos foram considerados incapazes de produzir ou julgar o belo e o sublime, reforçando sua subalternidade também no campo da sensibilidade (Moreno, 2015). O ideal estético moderno, de gênero e racializado, consagrou a mulher branca como o “sexo belo”, portadora de uma “inteligência estética”, enquanto rebaixava a mulher negra à esfera do grotesco, do exótico (Moreno, 2015; Weitz, 2004) ou como objeto servil, seja do campo sexual ou do trabalho doméstico (Gonzalez, 1984).

Esse imaginário colonial infiltra-se nas subjetividades dos sujeitos colonizados, agindo como um espelho distorcido que projeta uma imagem negativa de si, baseada em padrões eurocêntricos inalcançáveis (Quijano, 2005). A estética, nesse sentido, não é apenas uma dimensão sensível ou artística, mas um campo político e epistêmico que reforça a colonialidade do ser e do saber (Mignolo, 2015).

Diante desse cenário, surge a proposta da opção decolonial, entendida como projeto político, epistêmico e ético que busca desarticular as estruturas de poder herdadas da modernidade/colonialidade (Mignolo, 2008). A decolonialidade não se pretende universal; ao contrário, afirma o direito à pluralidade de saberes, estéticas e formas de vida. Trata-se de uma proposta construída a partir da subalternidade, visando a deligação do pensamento hegemônico e a valorização das epistemes do Sul Global (Ballestrin, 2013a).

Ballestrin (2013a; 2013b) contribui para o debate ao distinguir os termos “descolonial” e “decolonial”, indicando que, embora frequentemente usados como sinônimos, remetem a tradições distintas. Enquanto o termo “descolonial” se aproxima da superação do colonialismo histórico e dialoga com os estudos pós-coloniais, a decolonialidade propõe uma ruptura mais profunda com a colonialidade do saber, do ser e do poder. Segundo a autora, trata-se de uma crítica epistemológica mais radical, que busca tensionar o eurocentrismo ainda presente nas abordagens pós-coloniais e inserir a América Latina de forma mais situada e insurgente no debate teórico global.

A diferenciação conceitual entre descolonial e decolonial, portanto, carrega implicações analíticas e políticas, especialmente para os campos das ciências sociais e da administração. Nesse sentido, a produção acadêmica brasileira tem demonstrado crescente interesse por essas perspectivas críticas. Embora alguns trabalhos, tais como os de Alcadipani e Rosa (2010),

Wanderley e Faria (2013) e Wanderley (2015), já tenham abordado temáticas relacionadas à pós-colonialidade e a decolonialidade, é a partir de 2016 que se observa uma inflexão mais clara. Wanderley e Barros (2016) propõem uma virada dos estudos, chamando atenção para a necessidade de se pensar de outro ponto de vista, considerando formas alternativas de gestão e organização, que escapem às categorias coloniais de racionalidade. Essa inflexão é reforçada por Abdalla e Faria (2017), ao sugerirem uma mudança de agenda em administração, orientada por referenciais decoloniais.

A decolonialidade também se fundamenta na noção de comunalidade. Como argumenta Lugones (2014), ninguém resiste sozinho à colonialidade — sobretudo à colonialidade de gênero. A construção de redes de pertencimento, reconhecimento mútuo e diálogo intercultural tornam-se condições fundamentais para a superação da lógica colonial, inclusive dentro das organizações e instituições sociais. Essa dimensão coletiva da resistência encontra ressonância na noção de aquilombamento como prática histórica e epistêmica dos povos negros no Brasil. Para Nascimento (2007), o quilombo não é apenas um refúgio físico ou geográfico, mas um espaço de reinvenção de sociabilidades negras, fundadas na solidariedade, na ancestralidade e na afirmação de modos de vida autônomos frente à violência do sistema colonial e seus desdobramentos contemporâneos. O aquilombamento, nesse sentido, é uma estratégia de comunalidade negra, que se contrapõe à fragmentação individualizante promovida pela modernidade ocidental.

Decolonizar, portanto, é recusar a necessidade de aprovação por parte do colonizador para se afirmar como humano, belo ou legítimo. É buscar o reconhecimento entre iguais, construindo outros modos de existência e convivência. Essa tarefa envolve todas as esferas da vida: a produção do conhecimento, a configuração dos afetos, a aparência dos corpos e os sentidos atribuídos ao cotidiano. Por isso, a decolonialidade é, ao mesmo tempo, um projeto epistêmico e existencial.

## As organizações e a regulação dos padrões estéticos

Para além da gestão de tarefas, processos e resultados, as organizações operam como agentes centrais na constituição e regulação de normas sociais, incluindo o que tange à produção de padrões estéticos (Hancock & Tyler, 2007; Moreira *et al.*, 2023; Witz *et al.*, 2003). No campo dos Estudos Organizacionais brasileiros, Wood Jr. e Cislag (2001) foram pioneiros ao apresentarem a abordagem estética como lente interpretativa de fenômenos organizacionais. No campo de estudos da estética organizacional, é possível compreender que as organizações produzem e reproduzem expectativas sobre a aparência dos indivíduos que as compõem, regulando o vestuário, a postura, a linguagem corporal e, de forma particular, características raciais e de gênero associadas à beleza e à apresentação pessoal (Hancock & Tyler, 2007; Libretti *et al.*, 2018).

Todavia, a regulação estética nas organizações não é limitada a códigos formais de vestimenta, ela está profundamente enraizada em normas sociais implícitas. Essas normas, muitas vezes, são derivadas de uma lógica eurocêntrica e patriarcal, que conecta a ideia de profissionalismo à estética branca, magra, heteronormativa e alinhada a padrões ocidentais de beleza

(Chambers, 2022; Fotaki, 2013). Essa realidade pode se manifestar por meio de pressões sutis ou explícitas para que indivíduos — especialmente mulheres negras — adaptem suas aparências a modelos hegemônicos, sob o risco de serem percebidos como inadequados, menos profissionais ou até mesmo menos competentes (Avelar Ferreira & Costa Nunes, 2020; Ferreira & Nunes, 2024).

Nesse contexto, o corpo se torna um espaço simbólico sobre o qual as organizações projetam suas expectativas normativas. Estudos tais como o de Flores-Pereira (2010), demonstram que os corpos podem ser sócio-hierarquizados, visto que sobre eles se projetam classificações sociais que atribuem lugares desiguais a diferentes corpos com base em alguns atributos, tais como cor da pele, estética, gênero, volume corporal, deficiência e orientação sexual. Segundo a autora, essas características, embora muitas vezes tratadas como naturais, são socialmente construídas e operam como instrumentos de hierarquização, exclusão no interior das organizações.

Dessa forma, os corpos são políticos, pois revelam como a diferença corporal é usada para legitimar desigualdades de poder e acesso a posições de prestígio e autoridade. Além disso, como demonstram Moraes et al. (2022) e Vieira et al. (2022), essas desigualdades são ainda mais opressoras para mulheres racializadas, uma vez que os traços físicos associados a identidades não brancas, como cabelos crespos, tons de pele mais escuros e traços fenotípicos africanos, são historicamente desvalorizados nos espaços de poder, especialmente para as mulheres.

A regulação estética, portanto, opera como um dispositivo organizacional que reforça hierarquias raciais e de gênero, ao mesmo tempo em que contribui para a invisibilização da diversidade estética e para a manutenção de padrões que privilegiam corpos brancos e eurocentrados. Assim, a análise dos padrões estéticos no contexto organizacional permite compreender como as dinâmicas de poder são materializadas no corpo e como determinados sujeitos são sistematicamente pressionados a adaptar, esconder ou modificar aspectos de sua aparência para se adequar às normas organizacionais.

## Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de compreender como a adoção de texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e senso estético entre mulheres negras, foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória (Miles & Huberman, 1994), utilizando a metodologia de história de vida com recorte temático (Pinto *et al.*, 2016), resgatada por meio de entrevistas aprofundadas (Carreteiro, 2003; 2009). Essas escolhas metodológicas baseiam-se na premissa decolonial de desvinculação dos pressupostos universalistas e totalizantes impostos pela modernidade colonial (Mignolo, 2007).

A História de Vida é proposta aqui como um método de pesquisa com potencial decolonial, pois busca acessar e compreender o ponto de vista do sujeito por meio do autorrelato de sua própria biografia, evidenciando como este é moldado e transformado pelas condições sócio-históricas que

o atravessam (Lopes, 2013; Craide, 2011). Kilomba (2019) afirma que as mulheres se tornam sujeitas de suas próprias histórias e experiências ao narrá-las. Assim, mulheres negras autonarrarem-se em pesquisas de história de vida é um ato político, feminista e decolonial. Além disso, a interação entre pesquisadores e participantes é um elemento constitutivo do método, criando uma cumplicidade que possibilita a produção de sentidos no relato (Silva *et al.*, 2007). No contexto de uma pesquisa realizada com e por mulheres negras, isso opera também numa própria lógica decolonial, em uma reflexão produzida por nós, sobre nós (Reis, 2019).

Como uma pesquisa decolonial pressupõe um olhar crítico, torna-se necessário apresentar o lugar de fala das autoras desse estudo (Ribeiro, 2017). A primeira autora é uma mulher parda, nascida e criada na periferia de uma grande cidade de Minas Gerais; socializada dentro dos padrões colonizados e usuária de procedimentos de controle de volume capilar dos 13 aos 32 anos. Nesse período, influenciada pelas mídias sociais, iniciou o processo de transição capilar e assumiu seus cachos – que hoje ostenta com orgulho, embora tenha enfrentado pressão social por sua decisão.

A segunda autora é uma mulher preta, nascida e criada no interior de Minas Gerais. Socializada nos padrões colonizados, realizou o primeiro procedimento de controle de volume dos cabelos crespos ainda na infância, aos 10 anos. Aos 16, iniciou a primeira aproximação com sua negritude e passou a ostentar *dreadlocks*. Quando iniciou carreira no serviço público aos 20, embranqueceu e retomou os procedimentos de controle de volume dos cabelos. Em 2009, realizou o *big chop*<sup>1</sup> e desde então assumiu, sem ressalvas e com orgulho, sua cabeleira, ainda que tenha sofrido diversos episódios de microagressões ou racismo por esta decisão.

As entrevistas foram conduzidas com uma mulher negra, que escolheu automear como “Bonita” para garantir o anonimato. A história de Bonita era parcialmente conhecida pela primeira autora deste estudo, e suas vivências justificaram o convite para contribuir com a pesquisa. Ainda, Bonita apresenta uma singularidade que reforça a escolha por sua história de vida: Bonita teve durante toda sua existência um espelho colonial que é um lembrete constante do que ela poderia ter sido aos olhos da sociedade colonial e não é, sua irmã gêmea, socialmente lida como branca.

As entrevistas aprofundadas foram realizadas conjuntamente pelas autoras e planejadas de acordo com Spindola e Santos (2003), de maneira a estimular o entrevistado a conduzir a conversa, permitindo uma interação constante com as pesquisadoras. O recorte temático das entrevistas foi a trajetória capilar. As entrevistas foram realizadas virtualmente devido à localização geográfica distinta das três envolvidas. O processo iniciou-se com o convite: ‘Conte-nos sua história com seus cabelos’, ao qual a participante respondeu com o início de seu relato.

Foram realizadas duas rodadas de conversas entre janeiro e fevereiro de 2024, gravadas utilizando o aplicativo Gravador de Voz. Os áudios foram transcritos com a ajuda da IA Gladia, resultando em 32 páginas de texto com espaçamento simples. Embora tenham sido utilizados recursos tecnológicos para a transcrição das entrevistas, todas as transcrições foram

1 Corte da parte do cabelo afetada pelo alisamento permanente (Freitas, 2018).

lidas e relidas na íntegra, acompanhadas do áudio original, para assegurar a captação e compreensão das revelações e sentidos, conforme sugerido por Queiroz (1991).

A etapa de análise começou após a primeira interação e prosseguiu com as demais, visando a produção de sentidos a partir dos relatos, em um processo de imersão minuciosa e completa no texto (Queiroz, 1991). A análise buscou identificar temas recorrentes de maneira reflexiva, fluida e flexível, com o objetivo de alcançar profundidade e imersão nos dados (Atkinson, 1998). Para isso, foram identificadas questões latentes (temas) que emergiram das narrativas, utilizando a Análise Temática conforme Braun e Clarke (2006). Esse posicionamento está alinhado com Atkinson (1998), que considera que a análise deve emergir da própria história. Ainda, a escolha pela Análise Temática como metodologia de análise de história de vida, está alinhada com as escolhas metodológicas adotadas, e recomendadas, para estes estudos no campo de Administração (Teixeira *et al.*, 2021). Os achados deste estudo serão apresentados a seguir.

## ■ Apresentação e análise dos dados

A análise foi dividida em duas seções. A primeira seção apresenta a história de Bonita, oferecendo uma visão de sua perspectiva das vivências, na qual ela se posiciona como sujeito de sua própria história e se (re)nomeia, além das percepções e impressões das pesquisadoras após os encontros com a entrevistada. Esta seção inclui a reorganização e a apresentação dos relatos de Bonita, com base no resgate de sua história.

A segunda seção, intitulada 'Reflexões a partir da História de Bonita', realiza a análise temática da história de vida, estabelecendo paralelos entre as vivências de Bonita e a perspectiva decolonial. A seção é estruturada em torno de dois temas, o Reflexo Colonial e o Reflexo Decolonial. Também são abordadas questões relativas ao significado e às experiências subjetivas de Bonita, bem como sua trajetória capilar.

### Porque eu sou Bonita!

Bonita é uma mulher negra de Minas Gerais, pequena e magra, com pouco mais de 30 anos. Sua postura é simultaneamente acolhedora e combativa, como se estivesse constantemente reafirmando seu espaço com a mensagem 'Eu estou aqui', o que contrasta com a fragilidade aparente de sua aparência física. Ela é solteira, sem filhos, e seu sorriso e seu cabelo *black* iluminado chamam imediatamente a atenção no primeiro contato. Bonita possui uma presença marcante. Ela é mestra em Engenharia Agrimensora, mas afirma ter encontrado seu verdadeiro lugar no mundo do trabalho como professora<sup>2</sup>, tendo atuado na rede federal de ensino superior. Quando da realização das entrevistas aprofundadas de história de vida, Bonita residia em São Paulo, SP, trabalhando como engenheira técnica.

<sup>2</sup> Discussões acerca da transição de carreira de mulheres engenheiras para a docência podem ser consultadas em trabalhos, como o de Silva (2020).



Durante a primeira entrevista, explicamos os princípios éticos envolvidos na pesquisa e, em conformidade com os preceitos psicossociais da metodologia de história de vida, convidamos a entrevistada a escolher um nome para sua identificação neste estudo. Sua resposta foi imediata: “A Bonita!” Ao questionarmos o motivo de sua escolha, ela respondeu: “Porque eu sou bonita. (risos) Aí, gente... nossa, pra chegar nisso aqui é difícil [...] eu melhorei muito a minha autoestima, né?!”. Assim, ao escolher esse nome, Bonita reafirma sua própria beleza e seu lugar como mulher negra detentora do belo, algo que as noções estéticas coloniais ao longo de sua trajetória lhe negaram. Após essa breve introdução, apresentamos a história de Bonita.

### *A história de Bonita*

E no meio do caminho havia uma cidadezinha colonial do interior de Minas Gerais. Como em outras cidades da rota da Estrada Real, esta cidade teve forte exploração de mineração durante o Brasil Império (que ainda persiste), e por consequência desta, uma grande massa de mão de obra escravizada populou a região. O tempo passou, a escravização ‘acabou’, mas os impactos desse passado colonial ainda persistem. E, neste contexto, de espaço-tempo, que nasceu e viveu, Bonita.

Bonita nasceu a 30 e poucos anos. Filha de mãe solo, não veio ao mundo só. Naquele dia nasceu também sua irmã gêmea, Lindinha. Bonita nasceu muito pequenina, e por causa disso precisou ficar internada por um mês. Sua irmã, ao contrário, foi diretamente para casa. Esse evento estabeleceu um vínculo e um ciclo que perduraria até a vida adulta: Bonita, a frágil, a que necessitava de cuidados; e sua irmã, a forte, a cuidadora.

Minha irmã [...] desde novinha, já criou aquele papel de mãe. Minha irmã não é minha irmã, minha irmã é minha mãe, praticamente. Acho que é mais mãe do que minha mãe. Infelizmente, a nossa criação foi desse jeito. Porque ia para a escola, minha irmã pegava na minha mão, quando eu ia sozinha [...], por volta dos cinco anos para pegar ônibus... daí, ‘Lindinha, cuida da Bonita’. Sempre foi assim, nunca foi ao contrário. Minha irmã, eu acho, nunca foi cuidada. Ela cuidava de mim sempre.

Desde muito jovem, Bonita percebeu que sua irmã tinha um tipo de cabelo bastante diferente do seu. “O cabelo é mais ondulado, grosso, quase liso. Então, ela não sofreu tanto assim em relação a mim, não.” observou Bonita. Além disso, o cabelo de sua irmã crescia muito mais rápido do que o dela. “Meu cabelo não passava daqui (aponta acima dos ombros), porque por ser fino, ele quebrava muito, né? [...] meu sonho era ter um cabelão”. Essas diferenças no tipo de cabelo e nas características físicas — Lindinha é alta e de pele clara — foram marcantes na trajetória de Bonita. “Eu queria o cabelo da minha irmã de tudo que é jeito, mas não tinha como. Às vezes eu ficava assim, como é que eu posso ser gêmea da minha irmã? E a gente ser tão diferentes. Nós somos gêmeas. Eu não gostava, eu queria ser igual a ela”. Bonita buscou explicações para justificar racionalmente essas diferenças: “Eu acho que ela deve ter puxado meu pai, né? Porque eu não conheço meu pai. Mas eu acho que ela deve ter puxado de lá, porque o cabelo da minha mãe, eu sei que é parecido com o meu.”.

Quanto à mãe, Bonita diz que ela tem um cabelo *black*, os quais nunca assumiu e “nunca vai assumir. Ela gosta dele bem esticado. Eu imagino que ela... Eu acho que é bem lindo o cabelo dela, eu imagino, mas ela nunca vai fazer isso. Ela não se vê com cabelo assim.” Portanto, Bonita nunca teve uma referência familiar para observar e aprender sobre as texturas capilares naturais e seus cuidados.

Eu não imaginava que as pessoas andavam com a cabelo natural não. Quando eu ia talvez em [...] cidade grande, a gente costumava ver, mas cidade pequena é pouquíssimas pessoas. [...] Então, assim, eu acreditava que cabelo bom tinha que ser alisado. Porque eu cresci assim, né? Relaxar desde criança, a vida toda relaxando o cabelo. Aquela rotina de 3 em 3 meses, abaixar a raiz. A vida toda, nunca mudou, nunca andei com cabelo... nem lembro como era meu cabelo natural quando era criança, nem lembro dessa fase. Então, eu achava, acho que muitas mulheres achavam, cabelo bom era quando ele era relaxado. Então, eu nunca pensei, nunca passou pela minha cabeça como era o meu cabelo.

Desde a infância Bonita enfrentou dificuldades devido à diferença entre as texturas capilares dela e as de sua irmã gêmea. Bonita sofreu muito *bullying* devido seus cabelos crespos. Era chamada de “bruxa”, “cabelo duro”, “cabelo ruim”, entre outros nomes que marcaram bastante sua infância. Além disso, os professores de Bonita também demonstravam preconceito e “não sabiam lidar com o nosso cabelo”. Um evento particularmente marcante para Bonita foi uma fotografia escolar em que os alunos usavam chapéus de *cowboy* como adereços:

Aí você tinha que tirar a foto com aquele chapéu de *cowboy*. Um momento, que eu não esqueço. Esse momento que eu tive que tirar a minha buchinha, porque eu só andava com o cabelo amarrado, [...] quando era criança eu não andava com o cabelo solto, não. Aí soltou, aí a pessoa pegou meu cabelo, ficou dividindo no meio, ficou o cabelo tudo... Sabe... nossa senhora o que aqueles alunos riam de mim. Aí pôs o chapéu. Ai no dia que foi entregar a foto, ela mostrou uma foto de cada um, né?... E vamos ver como a Bonita ficou? No sentido assim, será que ela ficou bem? Como é que se faz com uma criança assim? Entendeu? Nunca vi isso, mas enfim. [...] Aí foi uma fase difícil.

E assim, ainda na educação infantil, com 5, 6 ou 7 anos, Bonita começou a passar por procedimentos de alteração capilar. “Então, passei minha vida toda alisando, relaxando o cabelo... na verdade, relaxava o cabelo.” Bonita realizava os relaxamentos capilares no salão de beleza de suas primas, um estabelecimento que “é voltado pra progressiva. Pro cabelo liso. É tanto que quando eu, às vezes, chegava lá com o cabelo já com a raiz alta e elas: - ‘Nossa, oh cabelo ruim! Nossa, seu cabelo tá muito ruim’. - Só fica essa palavra, né? Só fica ruim, ruim. E a gente pega isso pra gente.”. Assim, a vida seguiu e Bonita entrou na adolescência com o cabelo relaxado.

À medida que Bonita crescia, as violências sofridas se agravaram, “às vezes eu sofria o *bullying*, às vezes apanhava. Do nada, tinha umas meninas que me batia, não sei por quê. Mas, graças a Deus, tinha uma irmã que era alta, valente, que ela descontava para mim, pelo menos. Ela fazia isso”. Essas vivências impactaram o modo de construção de relações de Bonita durante a adolescência, tornando-a uma garota “tímida”.

Às vezes, eu saía com a minha irmã, aí eu me fechava mais ainda, porque eu ficava toda sem graça, eu ficava com uma cara... minha

cara já é séria, né? Eu ficava mais séria ainda, com a cabeça baixa, aquela sensação assim, é... Minha irmã falava que eu era bicho do mato. 'Nossa, não pode ver gente, fica toda encolhida. Parece que vai te morder'. Sei lá! Era uma sensação estranha que eu tinha naquela época. Quando tinha muita gente, eu me encontrava com muita gente, eu ficava muito, muito na minha. Eu encostava na parede, cruzava os braços, não conversava nada. E hoje é o que você pode ver que sou tagarela, né? Mas na época que eu estudava, eu não conversava com ninguém. A única pessoa que eu conversava era com a minha irmã. Tanto que as minhas amizades eram por causa da minha irmã. Minha irmã que fazia amizade, me carregava.

Além da autocomparação com sua irmã gêmea e das pressões e violências enfrentadas no ambiente escolar, o núcleo familiar também contribuía para intensificar essas comparações.

Meus parentes, às vezes, comparavam eu com a minha irmã, que minha irmã é alta. Minha irmã é mais branca. O cabelo dela é mais liso. Que ela parecia modelo. Então fazia uma comparação bem injusta e bem chata. Então, eu ficava muito nisso. ... [havia] muita comparação com a minha irmã, eu acho que eu acabei me comparando demais com ela também. Isso foi prejudicial, sabe? [...] pode ser questão de gêmeos, mas as vezes de irmãos mesmo, né?

Bonita identifica o ponto de virada em sua trajetória como o momento em que foi para uma faculdade diferente da de sua irmã. Ela relata: "Eu era muito dependente dela. [...] se eu estivesse na mesma faculdade, se bobear eu ia fazer amizade com o pessoal do curso dela e não faria com os do meu. Eu ia andar só com ela. Ia atrás dela.". Durante a graduação, Bonita fazia viagens quinzenais para sua cidade natal para realizar o relaxamento capilar no salão de beleza de suas primas. A perda de um ciclo de relaxamento capilar impactava significativamente sua vida social e autoestima.

aquele trabalho todo para ir lá na minha cidade fazer relaxamento, porque eu confiava na minha prima, para depois ir para a escola. E assim, quando o cabelo já estava cheio, ficava aquela autoestima superbaixa, não queria fazer nada. Fiquei aí só pensando assim, amanhã vai chover e eu tenho festa, isso aí já desanimava. Meu cabelo fazendo assim (gesto de aumento de tamanho ao redor da cabeça), no meio da festa. Antigamente eu corria [da chuva]. [...] Eu corria da chuva, tempo nublou, nublado, era... Era terrível.

Embora Bonita tenha continuado a usar procedimentos químicos em seus cabelos, foi durante a graduação, quando esteve longe de sua irmã e de sua família, que começou a explorar novas perspectivas sobre o mundo e sobre seus próprios cabelos. Ela observa: "Eu acho que a universidade, te permite conhecer pessoas de todos os lugares. [...] Aí, [hoje] eu gosto de ser natural. [...] Eu só lamento não ter percebido isso antes. Eu devia ter feito isso na graduação, eu acho que seria, nossa, superlivre na graduação."

Durante todo o curso de graduação, Bonita permaneceu usando procedimentos para alterar a textura natural do cabelo. A última vez que passou por um foi em 2016, "quando minha irmã casou. Foi a última vez que eu relaxei meu cabelo. Eu acho que alisei foi na semana do casamento, ou umas duas semanas antes. Eu ia ainda ser madrinha ainda, né? Tem que estar com o cabelo impecável, né? Então, eu relaxei, eu fiz um penteado todo preso." Na mesma época, Bonita também foi trabalhar no norte de Minas e iniciou um namoro. Nesse período de mudanças, com a irmã casada, Bonita empregada e namorando, ela ainda mantinha o cabelo relaxado, mas

começou a se interessar pelo *Instagram*, o que começou a influenciar sua perspectiva sobre seu cabelo.

Foi então que tudo mudou. Bonita começou a explorar a *internet* e a observar pessoas assumindo seus cabelos naturais, o que a levou a decidir experimentar essa mudança. “Acho que estava começando a bombar mais o *Instagram*. E eu comecei a ver alguns cabelos bem naturais. E eu comecei a pensar assim: Nossa, será que meu cabelo é assim? - Pensei. - Nossa! Será que meu cabelo é assim!? Fiquei muito na curiosidade.” Com apoio do namorado da época, Bonita decidiu passar pela transição. “Então, eu fui e decidi, depois do casamento da minha irmã, passar pela transição”.

O primeiro passo no processo de transição capilar foi a adesão de tranças afros, um procedimento que se revelou demorado e doloroso, mas que trouxe um resultado muito positivo para o senso estético de Bonita. No entanto, ela usou as tranças por apenas seis meses e, ao removê-las, seu cabelo sofreu danos significativos devido à técnica utilizada. Apesar dos danos, Bonita não se deixou desanimar, pois os danos foram causados pelo cabelo alisado, que logo seria eliminado com o processo de transição. Ao fim dos seis meses, devido a impaciência e ansiedade, somadas a insatisfação com a mistura de texturas no cabelo, Bonita tomou uma ação emergencial:

Aí teve um dia que eu estava com o meu cabelo cheio. Estava dando já seis meses. Geralmente relaxava em três em três meses e eu já não tava gostando daquilo porque fica andando com o cabelo preso, a gente não se sente bem e eu também não tinha muita paciência e eu fui pra casa do meu ex-namorado e pedi pra ele passar tesoura. Então ele que fez meu big chop, foi meu big chop. [...] cortei, fiquei igual, ficou joazinho. ficou bem joazinho mesmo o meu cabelo. Eu falei: – ah, vou tentar.

Embora Bonita estivesse decidida, ela ainda se sentiu desconfortável com o resultado do *big chop*. Ela relatou que achou o cabelo muito estranho logo após o corte: “Estranhei muito na hora, porque o cabelo dele parece que fica muito estranho, na verdade, né? Ele não tem formato, não tem forma, não tem... não sei lá. Era estranho.” A primeira pessoa da família com quem Bonita compartilhou a decisão foi sua irmã. Bonita comentou: “Comecei com a minha irmã, [...]ela sempre me apoiou, graças a Deus. E ela falou: – Ah Bonita, cê cortou, mas você pode preparar que você vai escutar muita crítica. Eu pensei: - ah, vamos lá, né? Já que tem que escutar..., mas já cortei.” Quando Bonita visitou sua família, ela não avisou previamente sobre o corte e encontrou a reação surpresa deles. O período após o *big chop* foi complicado para Bonita

[meu namorado] me incentivou muito na época. Aí passou um mês, ele terminou comigo. Depois descobri por causa de traição e tudo. Mas essa história não tem nada a ver com cabelo, não. Aí eu tive o processo, tive que dar conta: eu estava desempregada, com cabelo curto, e tinha levado um pé na bunda. Então, foi a pior fase. A pior fase da minha vida foi essa. Por quê? Eu estava com cabelo curto, minha autoestima não estava muito boa.

Bonita, mais uma vez, foi interseccionada por diversos acontecimentos, dessa vez negativos: ela ficou desempregada, passou por um término de relacionamento traumático e voltou a morar em voltou a morar na casa de sua mãe, agora sem a companhia da irmã. Nessa nova realidade, Bonita

enfrentou diversas pressões em relação ao *big chop* “eu tive que escutar muitas coisas em casa. Não só de casa, né? Mas também de gente de fora.” Dois episódios de agressões ficaram marcados para Bonita. O primeiro, cometido por um desconhecido

Uma pessoa ligou lá em casa uma vez, eu não sei quem que é, não conheço. Talvez me conhece de vista, ou conheça na família de vista. E minha tia atendeu e ela falou assim pra minha tia: – ‘Fala pra sua sobrinha que com esse cabelo ela não arruma emprego em lugar nenhum’. Simples assim. Como se tivesse a ver com a minha vida a pessoa. Nem me conhece, nunca conversou na vida. Então, aí eu tive que escutar: – ‘Seu namorado terminou com você por causa do seu cabelo. Você está muito magra, você está doente, você está’... Tudo.

Outro momento especialmente doloroso ocorreu dentro de sua própria família. Bonita levou sua avó ao salão de beleza de uma de suas tias, com quem não tinha proximidade afetiva. Ao entrar no estabelecimento, a tia verbalizou em público, diante de clientes desconhecidos para Bonita, que “... nem me considerava parente, com esse cabelo.” Bonita respirou fundo, deixou sua avó no salão e saiu, preferindo evitar confronto: “porque eu não sou de brigar, dá uma vontade de bater, mas não fiz isso.”. Ela tentou racionalizar o ocorrido, entendendo que sua tia enfrentou as mesmas dificuldades, pois também tinha cabelos crespos que foram alisados a vida toda, internalizando a ideia de cabelo duro e ruim, uma “mentalidade antiquada”. Ainda assim, todas essas violências vividas durante seu período de transição capilar afetaram profundamente a saúde física e mental de Bonita:

sofri, calada, emagreci bastante, fui pesar 40 quilos. Mas um dos motivos foi a questão emocional grande, porque tudo tava dando errado. Meu cabelo estava uma merda, no momento lá, porque estava curto, eu tinha que escutar desaforo o tempo todo. Eu tinha acabado de levar um fora né, por traição e a questão do desemprego. Eu tinha acabado de formar também, e a gente acha que quando acaba de formar vai ser tudo mil maravilhas, só que não é. Então, foi difícil. Foi muito difícil.

A pressão do vivido foi tamanha que “passou pela [...] cabeça [de Bonita] relaxar [o cabelo] de novo”. Mas o que a ajudou a renovar suas forças “foi *Instagram*. Viciei no *Instagram*. 90% do meu *Instagram* é o cabelo cacheado por exemplo. Só isso que tem no *Instagram*”. Bonita imergiu no mundo das blogueiras de cabelo crespos e cacheados, “eu toda hora ficava vendo vídeo, de blogueira. O que era bom para o cabelo? O que era bom para comprar? Então, eu fiquei nisso.” Ela se agarrou à imagem dos cabelos ostentados pelas blogueiras para se inspirar a continuar transicionando o seu

se essa blogueira tá com esse cabelão, foi um processo, ela explicava, foi quatro anos para ficar com esse cabelo. Eu pensava, calma, daqui a quatro anos ele vai estar grande. Então, eu me apeguei a isso. Não me apeguei mais nada além disso, de ver que tinham as pessoas que ficavam com o cabelo parecido, ... Tem pessoas com cabelo parecido com o meu.

A imersão foi tamanha que Bonita se tornou referência para colegas da cidade natal que também submetiam os cabelos a procedimentos químicos “eu posso dizer que fui uma das primeiras [...] na minha cidade, vamos dizer. Quase... Virei uma blogueira da minha cidade”. A paixão foi tanta pelo ‘novo’ cabelo, e as possibilidades que Bonita percebeu com ele, que despertou oportunidades por novos caminhos, inclusive profissionais, “eu que fiz

engenharia, quero seguir minha área. Mas se um dia eu der a louca, eu faço um curso de cabelereiro para mexer com cabelo crespo. Nada me impede, só eu juntar um dinheiro e eu faço o curso. Abro um salão lá na minha cidade e começo a mexer só com o cabelo.” Sobre desejos, Bonita desde quando

relaxava o [...] cabelo, tinha muita vontade de ficar loira. E eu não podia, né? Porque relaxamento com luzes não dá certo. Então, quando o meu cabelo cresceu bastante, ele já estava assim (faz gesto mostrando um *black* grande e volumoso), eu resolvi ficar loira. Também porque meus cabelos brancos são ‘aparecidos’. Aí eu fiquei loira a primeira vez. Fiquei loira.

Além de loira, Bonita também experimentou diversas mudanças no seu cabelo natural “pus várias tranças no cabelo. Pus de vários jeitos. Quando eu enjoava no meu cabelo, eu colocava tranças. Todo tempo eu colocava tranças”. Contudo, a química da coloração afetou as pontas do cabelo de Bonita, que ficaram “danificadas. Aí eu [...] ‘passei pela transição de novo. Só que dessa vez sem cortar. [...] meu cabelo ficou todo preto de novo. Aí ano passado cismeí e fiquei loura de novo”.

Outro desejo que Bonita partilha com animação é o sonho que deseja realizar, “meu sonho era ter um cabelão! Um *black* enorme mesmo. Só que o meu cabelo cresce até um certo tamanho. Inclusive, eu já tô pensando em ter uma aplique de cabelo crespo. Vou ter um até aqui, ó (mostra altura da cintura). Mas é caro, né? Eu vou juntar um dinheiro, mas eu vou colocar ainda. Um dia. Vou colocar.” Plasticidade e segurança que a deixam livre até mesmo para abrir mão dos cabelos em um futuro “... cabelo raspado, pensei até em raspar o cabelo e fazer aqueles que ia ficar bem estiloso. Talvez lá pros meus 40 anos eu faça isso porque agora nada me impede mais!”.

Bonita descobriu que não havia limitações para as possibilidades de suas escolhas e desejos “daqui a pouco eu coloco tranças. De vez em quando eu faço escova também. É bom que dá pra fazer tudo nesse cabelo. Eu adoro fazer penteados no meu cabelo. Acho superestiloso”. Bonita confessa que “tem dia que dá vontade de relaxar? Tem! Porque é prático, é óbvio, né?”. Quase uma década do fim de sua primeira transição capilar e de ostentar seus fios naturais, a família de Bonita ‘acostumou’ com sua escolha

minha mãe acostumou, minhas tias acostumaram, mas mesmo assim elas têm um... Às vezes, de vez em quando joga assim: por que você não relaxa sua raiz? Por que você não coloca mais creme pra ficar mais baixo? Ainda não tem aquela coisa: Nossa! Cabelo bom, pra elas, cabelo tem que ser baixo. Baixinho. Porque foi criado assim.

Bonita, porém, mantém-se firme em sua decisão, “eu não me vejo não, talvez se um dia eu relaxasse e olhasse pra mim e me perguntasse ‘não era você’.” Para Bonita, a adoção do cabelo relaxado, “era questão da sociedade e não era [ela]”.

A história de Bonita se encerra com uma reflexão acerca do processo de transição “... meu cabelo mudou tudo. Foi transição de uma pessoa pra outra, tá? Realmente, eu mudei da água para o vinho, com o meu cabelo. Nem precisei de terapia para isso, não. Foi realmente uma mudança radical, radical mesmo”.

## Reflexões a partir da História de Bonita

A história de vida de Bonita nos ajuda na compreensão de como a assunção de texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e senso estético de mulheres negras – objetivo da presente investigação. Para discutir esse entendimento, apresentamos essa seção em duas partes temáticas: na primeira, abarcaremos o Reflexo Colonial percebido antes do processo de transição capilar, seguida pelo Reflexo Decolonial que surgiu após esse processo.

### *O reflexo colonial – o ideal branco a atingir*

A história de vida de Bonita nos ajuda a compreender como a assunção de texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e senso estético de mulheres negras – objetivo central desta investigação. Sua trajetória também evidencia como as organizações operam como espaços de normatização estética racializada, que reproduzem, de forma silenciosa, os padrões hegemônicos eurocentrados. Assim, ao narrar os efeitos da colonialidade sobre sua autoestima, suas relações e sua identidade, Bonita também revela os modos como esses dispositivos operam no cotidiano organizacional e social, tanto em sua fase de conformação quanto em sua fase de insurgência estética.

O espelho colonial, conforme destacado por Quijano (2005), distorce a percepção dos sujeitos que sofreram os impactos da colonização. A ideia de raça, fundamentada na diferença fenotípica, serviu para justificar a construção de um imaginário que inferioriza características físicas associadas ao fenótipo negroide, as quais, ao longo do tempo, foram classificadas como não pertencentes à esfera do belo. Nesse contexto, como afirmam Moraes *et al.* (2022), a cor da pele, os lábios grossos, o nariz largo e o cabelo crespo/cacheado passaram a ser considerados feios, sendo frequentemente descritos com termos como “ruim” e “duro”.

Na trajetória de Bonita, a internalização desse espelho começa desde a infância. A precocidade com que ela foi introduzida às práticas de alteração da textura capilar revela a naturalização do embranquecimento estético como valor de socialização. Ela sequer se recorda de como era seu cabelo natural nem a idade exata em que os procedimentos químicos começaram. Esse processo de negação da estética negra tem origem no núcleo familiar, cuja lógica estética é informada por referências eurocentradas. Sua mãe e tias seguem alisando os cabelos e, mesmo após sua transição, ainda fazem comentários que sugerem a necessidade de controlar o volume, reiterando os padrões hegemônicos. Como destacam Ramos e Nascimento (2008), as famílias e instituições operam como agências organizadoras da subjetividade, produzindo normas que regulam o corpo e o comportamento dos sujeitos.

Ainda nesse contexto, a experiência de ter uma irmã gêmea socialmente percebida como branca – devido à pele clara, cabelo liso e porte físico distinto – reforça o lugar de alteridade atribuído a Bonita. Lindinha era sua companheira e protetora, mas também representava o padrão ideal que Bonita sentia não alcançar. A ausência de diálogo, a dificuldade de expressão e o silenciamento vividos por ela revelam dimensões da colonialidade do

ser (Maldonado-Torres, 2007), que a desumanizam e a posicionam fora da lógica da racionalidade reconhecida. Como aponta Freire (2019), a negação do diálogo é a negação da própria condição humana – e Bonita, por muito tempo, não se sentiu autorizada a falar.

Essa conformação subjetiva encontra ecos nas práticas organizacionais contemporâneas, onde o corpo é continuamente vigiado e julgado com base em padrões estéticos tácitos. A colonialidade estética (Moreno, 2015) opera silenciosamente nos ambientes de trabalho, associando beleza, profissionalismo e competência à branquitude. A mulher negra que exibe um cabelo natural volumoso, como Bonita, é, muitas vezes, interpretada como inadequada, rebelde ou desleixada, ainda que essas avaliações raramente sejam explicitadas. Como defendem Hancock e Tyler (2007), os corpos nas organizações não são neutros, mas profundamente implicados em regimes de significação social e política. O corpo de Bonita, com sua estética insurgente, passa a ocupar uma posição de desorganização simbólica frente a esses regimes, tensionando o que Ferreira e Nunes (2024) chamam de “padrão de respeitabilidade organizacional”.

Nessa construção colonizada do belo, os cabelos longos e lisos foram historicamente associados à feminilidade e à pureza (Hallpike, 1969; Weitz, 2004). O rompimento com esse modelo, como o “*big chop*” de Bonita, não representa apenas uma mudança estética, mas uma quebra simbólica de pactos normativos. A separação afetiva que se segue, marcada pela rejeição e pelo sofrimento, evidencia o custo subjetivo dessa ruptura, ainda mais profundo em contextos em que o valor da mulher é associado diretamente à sua aparência. Como demonstra Lugones (2014), a colonialidade de gênero intensifica a opressão das mulheres racializadas, impondo sobre elas um ideal de beleza inatingível, eurocentrado e patriarcal

### *O reflexo decolonial - o eu e o nós em quem me espelho*

Se a fase anterior revelou os impactos da colonialidade na constituição estética e subjetiva de Bonita, o momento seguinte marca o início de uma prática de resistência que reposiciona seu corpo, sua fala e sua estética. A decolonialidade é uma escolha epistêmica, política e existencial que rejeita a lógica universalista e valoriza a multiplicidade dos saberes subalternos (Mignolo, 2008; Walsh, 2009). Ao utilizar o verbo “assumir” para se referir à sua transição capilar, Bonita expressa não apenas uma decisão estética, mas uma reivindicação de si. “Assumir” implica declarar, revelar, tornar visível – e, no caso, tornar visível aquilo que foi historicamente apagado: a beleza negra, o cabelo crespo, a subjetividade plena.

O acesso a outras narrativas e referências por meio da internet desempenhou um papel fundamental nesse processo. As redes sociais e o conteúdo produzido por outras mulheres negras funcionaram como espaços de comunalidade, reconhecimento e construção de pertencimento. Esses ambientes virtuais, como sugerem Rivera (2015) e Das e Semaan (2022), podem ser compreendidos como espaços organizacionais alternativos, nos quais sujeitos subalternizados constroem epistemologias e estéticas próprias. Nesse contexto, Bonita não apenas recupera sua voz – passando a se autodefinir como “tagarela” –, mas também se torna referência para



outras mulheres, orientando informalmente suas transições capilares.

A escolha pelo cabelo natural se configura como uma prática de resistência micropolítica (Scott, 1990; Alvesson & Willmott, 2002), desafiando os códigos hegemônicos presentes em contextos organizacionais e sociais. O enfrentamento às tentativas colonizadoras, como os comentários familiares que sugerem o controle do cabelo, são enfrentados com firmeza. Bonita permanece “firme e forte”, mantendo seu *black* alto e volumoso. Sua autoestima, antes dependente da conformidade estética, agora se baseia na autonomia de escolher e sustentar sua imagem. A declaração de que pretende raspar a cabeça aos 40 anos, por não mais precisar do cabelo como mediação de pertencimento ou feminilidade, expressa o grau de interiorização dessa emancipação estética.

Como nos alertam Mizrahi *et al.* (2019), toda estética é também uma ética. A transformação no senso estético de Bonita revela a adoção de uma ética decolonial, que orienta não apenas sua conduta individual, mas também influencia sua coletividade. Sua estética deixa de ser objeto de controle e se converte em afirmação de subjetividade e potência. Nas palavras de Miller (2013), longe de ser trivial, a estética é um dos campos mais sutis e eficazes de reprodução da dominação – e, portanto, também um dos espaços mais potentes para o exercício da liberdade.

A história de Bonita mostra que resistir à colonialidade estética é também reordenar o campo das organizações. Sua presença, seus cabelos, sua fala e sua postura performam uma insurgência cotidiana que desorganiza os códigos silenciosos de respeitabilidade, neutralidade e produtividade. Sua trajetória exemplifica como as margens podem produzir sentido, conhecimento e ética – e como as práticas decoloniais não são abstratas, mas concretas, enraizadas nos corpos, nas escolhas e nas interações. Ao narrar sua trajetória, Bonita não apenas se afirma: ela reorganiza os sentidos do que é aceitável, possível e belo nas organizações e na vida social.

## Conclusões e recomendações

O objetivo desta pesquisa foi compreender como a assumpção das texturas capilares naturais contribui para a redefinição decolonial das noções de beleza e senso estético de mulheres negras. Por meio da história de vida de uma mulher negra brasileira, evidenciou-se que a estética é uma dimensão profundamente regulada pelas marcas da colonialidade e atravessa os modos de subjetivação, pertencimento e reconhecimento social – inclusive nos espaços organizacionais.

A trajetória analisada revela que a transição capilar não representa apenas uma escolha estética individual, mas inscreve-se em um processo de insurgência subjetiva que rompe com os dispositivos coloniais normativos. A construção de novos referenciais estéticos, mediada pelas interações em comunidades virtuais e reforçada pelo pertencimento a coletividades racializadas, opera como um processo de desorganização das lógicas estéticas coloniais que historicamente associaram o belo à branquitude.

Nesse sentido, a pesquisa evidencia como os domínios da colonialidade do ser, do saber, da estética e do gênero são tensionados e ressignificados. A escolha por assumir os cabelos naturais articula uma ética decolonial vivida, que não apenas reposiciona a identidade da participante, mas transforma sua inserção nas relações sociais e organizacionais. A voz, antes silenciada, emerge como expressão de autoridade e solidariedade, permitindo que ela se torne espelho para outras mulheres em processo semelhante de emancipação.

Esta investigação contribui para os Estudos Organizacionais críticos ao demonstrar que as organizações são espaços privilegiados de produção e regulação estética, e que as formas de resistência não se limitam à contestação discursiva, mas também operam por meio dos corpos, da aparência e das práticas cotidianas. A estética, nesse contexto, deixa de ser um atributo periférico e se revela como dimensão central das relações de poder e exclusão nas organizações. O corpo insurgente de Bonita desestabiliza os códigos tácitos de respeitabilidade e revela a estética como campo de disputa política, subjetiva e epistêmica.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se a adoção da história de vida como ferramenta potente para acessar narrativas encarnadas e situadas. Essa abordagem possibilitou a escuta profunda de experiências subjetivas atravessadas por colonialidades múltiplas, promovendo uma compreensão ampliada dos processos organizacionais de normatização e resistência. A devolutiva da história à participante, após a reescrita pelas pesquisadoras, reafirma o compromisso ético e político da pesquisa com seus interlocutores, permitindo não apenas a validação, mas também a ampliação das reflexões da própria participante sobre sua trajetória (Gonçalves & Lisboa, 2007).

Como desdobramento para investigações futuras, propõe-se a realização de estudos que explorem, com base em métodos etnográficos ou netnográficos, as comunidades digitais de mulheres negras que compartilham práticas de resistência estética. Tais espaços oferecem importantes pistas sobre como a estética insurgente se articula com práticas coletivas de apoio, fortalecimento e reconfiguração das formas de estar, existir e organizar-se no mundo.

Em síntese, esta pesquisa contribui para a ampliação do escopo dos Estudos Organizacionais ao incorporar a estética como categoria analítica central. A história de Bonita mostra que resistir aos dispositivos coloniais não exige grandes movimentos institucionais: ela emerge na forma como o sujeito escolhe aparecer, narrar-se, escutar-se e espelhar-se. A estética decolonial, ao se afirmar, funda também uma ética decolonial que orienta condutas, inspira outras trajetórias e revela o poder político das escolhas estéticas como prática organizativa insurgente.

## Referências

Abdalla, M. M.; & Faria, A. (2017). Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. *Cad. EBAPE*. BR. Rio de Janeiro, 15(4): 914-929. <https://doi.org/10.1590/1679-395155249>

- Alcadipani, R.; & Rosa, A. R. (2010). O pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do “Borat” brasileiro. *Revista de Administração de Empresas RAE*, 50(4): 371-382. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000400003>
- Atkinson, R. (1998). *Interpreting the interview*. In *The Life Story Interview*, 54–74. SAGE Publications.
- Avelar Ferreira, C. A.; & Costa Nunes, S. (2020). Mulheres negras: um marcador da desigualdade racial. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisador as Negras - ABPN*, 12(33): 508–534. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2020.v12.n.33.p508-534>
- Ballestrin, L. (2013a). América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, 11: 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- Ballestrin, L. (2013b). *Para transcender a colonialidade*. [Entrevista concedida a] Luciano Gallas e Ricardo Machado. Recuperado em 26 de junho de 2025 de: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5258-luciana-ballestrin>
- Bleidorn, W.; Arslan, R. C.; Denissen, J. J.; Rentfrow, P.J.; Gebauer, J. E.; Potter, J.; & Gosling, S. D. (2016). *Age and gender differences in self-esteem-A cross-cultural window*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 111(3): 396-410. doi: 10.1037/pspp0000078
- Braga, J. B., & Souza, F. M. dos S. (2019). Liberdade para os cachos: a linha Curly Wurly e a ruptura de padrões estéticos. *Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades*.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2): 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carretero, T. C. (2003). *História de vida: da genealogia a um estudo*. Psico (Porto Alegre), 34(2), 281–295.
- Carretero, T. C. (2009). Fazer de uma coletividade uma história coletiva. In N. Takeuti; C. Niewiadomski (Orgs.). *Reinvenções do sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas*. Natal: ED. Sulina, UFRN. 126–140.
- Chambers, D. (2022). Are we all in this together? Gender intersectionality and sustainable tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 30(7): 1586–1601. <https://doi.org/10.1080/09669582.2021.1903907>
- Craide, A. (2011). A Adoção da História de Vida em Pesquisas sobre a Interculturalidade: uma nova possibilidade de aplicação no campo da Administração. *Anais do Terceiro Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*. João Pessoa: ANPADDas,
- Das & Semaan, B. (2022). Collaborative identity decolonization as reclaiming narrative agency: identity work of bengali communities on quora. In: *CHI '22: Chi Conference On Human Factors in Computing Systems, 2022*, New Orleans LA USA. Recuperado em 26 de junho de 2025 de: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3491102.3517600>
- Ferreira, C. A. A.; & Nunes, S. C. (2024). A estética feminina como atributo de exclusão no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Gestão & Conexões*, 13(2). <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2024.13.2.42146.50.72>
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. (71. ed.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freitas, G. C. de S. (2018). Cabelo crespo e a mulher negra: A relação entre cabelo e a construção da identidade negra. *Revista Idealogando*, 2(2): 65–87. Recuperado em 26 de junho de 2025: de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/view/238062/Freitas>.

Flores-Pereira, M. T. (2010). Corpo, pessoa e organizações. *Organizações & Sociedade*, 17(54): 417–438. <https://doi.org/10.1590/s1984-92302010000300002>

Fotaki, M. (2013). No woman is like a man (in Academia): the masculine symbolic order and the unwanted female body. *Organization Studies*, 34(9): 1251–1275. <https://doi.org/10.1177/0170840613483658>

Gomes, C. F. A. G.; & Arrazola-Arrazola, L. S. D. (2019). Consumo e Identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As ABPN*, 11(27): 184–205. Recuperado em 26 de junho de 2025: de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/496>

Gonçalves, R. de C.; & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis*, 10(esp): 83-92. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300009>

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, 2: 223-244.

Hallpike, C. R. (1969). *Social Hair*. *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 4(2): 256-264. Recuperado em 26 de junho de 2025: de <https://www.hallpike.com/wp-content/uploads/social-hair.pdf>

Hancock, P.; & Tyler, M. (2007). Un/doing Gender and the Aesthetics of Organizational Performance. *Gender, Work & Organization*, 14(6): 512–533. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2007.00369.x>

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Libretti, A. dos S.; Moreira, R.; & Amorim, M. C. (2018). Dress code: das considerações teóricas às práticas nas organizações. *Pensamento & Realidade*, 33(1): 2–18. Recuperado em 26 de junho de 2025: de <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/34004>

Lima-Souza, É. C. P.; Mota-Santos, C. M.; Carvalho Neto, A. M.; & Diniz, D. M. (2024). A beleza é mesmo tão fugaz? Padrões estéticos do telejornalismo tradicional e da internet. *Revista Gestão Organizacional*, 17(3): 76-94. <https://doi.org/10.22277/rgo.v17i3.7333>

Lopes, F. T. (2013). *Entre o prazer e o sofrimento: histórias de vida, drogas e trabalho*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9HTHKE>

Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3): 935–952. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>

Maldonado-Torres, N. (2007). On the coloniality of being: contributions to the development of a concept. *Cultural Studies*, 21(2–3): 240–270. <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>

McMullin, J. A.; & Cairney, J. (2004). Self-esteem and the intersection of age, class, and gender. *Journal of Aging Studies*, 18(1): 75–90. <https://doi.org/10.1016/j.jaging.2003.09.006>

- Meighan, P. J. (2021). Decolonizing the digital landscape: the role of technology in Indigenous language revitalization. *AlterNative: An International Journal of Indigenous Peoples*, 17(3): 397–405. <https://doi.org/10.1177/11771801211037672>
- Mesquita, J. S.; Teixeira, J. C.; & Silva, C. R. (2020). Cabelo (Crespo e Cacheado) pro alto, me levando a saltos em meio à resignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(2): 227-256. <https://doi.org/10.21529/RECADM.2020010>
- Mignolo, W. D. (2003). *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Ediciones Akal, 18.
- Mignolo, W. D. (2007). *Delinking: The rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality*. *Cultural Studies*, 21(2–3), 449–514. <https://doi.org/10.1080/09502380601162647>
- Mignolo, W. D. (2008). *La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. The decolonial option: detachment and opening – a manifest and a case study A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso*. Tabula Rasa.
- Mignolo, W. D. (2015). Prólogo - De lo estético/estésico y lo decolonial. In: Moreno, P. P. G. *Estéticas fronterizas: diferencia colonial y opciónestética decolonial*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Universidad Andina Simón Bolívar (Ecuador), 350.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. Sage.
- Miller, D. (2013). *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*: Schwarcz-Companhia das Letras.
- Mizrahi, M.; Carvalho, A.; Mello, P.; & Alduino, M; G. (2019). À procura da estética adequada: Raça, gênero e geração no espaço escolar. *Crítica e Sociedade*, 9(2): 148-167. <https://doi.org/10.14393/RCS-v9n2-2019-56581>
- Moraes, C. D. F.; Madeiro, R. T.; Ávila, C. S.; Ribeiro, C. J.; & Dias Neto, V. (2022). Meu cabelo não é duro: uma análise decolonial sobre o racismo enquanto produção de violência. In: Gevehr, D. L. *Raça, etnia e gênero: questões do tempo presente*. (1. ed.): Editora Científica Digital, 218–229. Disponível em: <http://www.editoracientifica.com.br/articles/code/211106804>.
- Moreno, P. P. G. (2015). *Estéticas fronterizas: diferencia colonial y opción estética decolonial*. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Universidad Andina Simón Bolívar.
- Moreira, A. J.; Martinelli, G. D.; Bento, H. de A.; & Palmieri, R. P. (2023). Discriminação Estética / Aesthetic Discrimination. *Revista Direito e Práxis*, 14(3): 1934–1959. Recuperado em 26 de junho de 2025 de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/78114>
- Nascimento, B. (2007). O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In Ratts, Alessandro (Alex) J. P. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. (1. ed.) São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Kuanza. 136p.
- Oliveira, A. C. S.; & Christino, J. M. M. (2021). As práticas de consumo no processo de transição capilar das mulheres brasileiras com cabelos crespos e cacheados. *Revista Brasileira de Marketing*, 20(4): 325-361. <https://doi.org/10.5585/remark>.

v20i4.15828

Pinto, B. de O. S.; Carreteiro, T. C. O. C.; & Rodriguez, L. da S. (2016). Trabalhando no "entre": a história de vida laboral como método de pesquisa em psicossociologia. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5): 976-1022. <https://doi.org/10.25113/farol.v2i5.3129>

Queiroz, M. I. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva*. São Paulo: CERU e FFLCH/USP.

Queiroz, R. C. de S. (2019). Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. *Caderno de Gênero e Tecnologia*, 12(40): 213–229. DOI: 10.3895/cgt.v12n40.9475

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)

Ramos, D. M. dos, & Nascimento, V. G. do. (2008). A família como instituição moderna. *Fractal: Revista de Psicologia*, 20, 461–472. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>

Ribeiro, J. S. B. (2021). Crespas e cacheadas: o cabelo como condição estético-identitária de afirmação étnico-racial e libertação para mulheres adultas e crianças. *Revista Da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As*, 13(36): 449–473. Recuperado em 26 de junho de 2025 de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/918>Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala* (1st ed.). Letramento.

Reis, M. de O. (2019). O pacto narcísico da casa-grande: a representação das mulheres negras a partir de Lélia Gonzalez e Gilberto Freyre. *Humanidades em diálogo*, 9(1): 93-101. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2019.154274>

Rivera, C. M. (2015). Decolonialidad, Tecnologías Y Comunicación. Un estudio de caso. *Diálogos de la Comunicación*, 27.

Silva, A. P.; Barros, C. R.; Nogueira, M. L. M.; & Barros, V. A. (2007). "Conte-me sua história": reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, 1(1): 25-35. Recuperado em 26 de junho de 2025: de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>

Silva, L. M. (2020). *O lugar da mulher no mundo do trabalho: engenheira, professora, ou professora engenheira?* [Dissertação de mestrado, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais]. Repositório Institucional: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=3230284&key=52db777ee7f405b17f9c6498726193d2>

Spindola, T.; & Santos, R. S. (2003). Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2): 119-126. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>

Teixeira, J. C.; Perdigão, D. A.; & Carrieri, A. P. (2016). O discurso gerencialista e a construção de ideais estéticos femininos e masculinos. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(7): 385-436. <https://doi.org/10.25113/farol.v3i7.2679>

Teixeira, R.; Lemos, A. H. C.; & Lopes, F. T. (2021). A história de vida na pesquisa em Administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (UFF)*, 15(4): 101-118. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51662>

Vieira, C. A. L.; Farias, I.; Barroso, C. M.; Maranhão, J. H.; & Vasconcelos, F. D. S. (2022). A estética da mulher negra em anúncios para cabelos crespos. *Revista Mídia e Cotidiano*, 16(2): 175–195. <https://doi.org/10.22409/rmc.v16i2.51972>

Wanderley, S. E. P.; & Faria, A. (2013). Border thinking as historical decolonial method: reframing dependence studies to (re)connect management and development. *ENANPAD*. Ed. XXXVII. Rio de Janeiro.

Wanderley, S. (2015). Estudos organizacionais, (des)colonialidade e estudos da dependência: as contribuições da Cepal. *Cadernos EBAPE.BR*, 13(2): 237-255. <https://doi.org/10.1590/1679-395115852>

Wanderley, S. E. P.; & Barros, A. N. (2016). Decolonialidade, virada histórica e estudos organizacionais: uma proposta de agenda de pesquisa. *ENANPAD*. Ed.XL. Bahia.

Weitz, R. (2004). *Rapunzel's Daughters: What Women's Hair Tells Us About Women's Lives*. (1. ed.) Farrar, Straus and Girou.

Witz, A., Warhurst, C., & Nickson, D. (2003). The labour of aesthetics and the Aesthetics of Organization. *Organization*, 10(1): 33–54. <https://doi.org/10.1177/1350508403010001375>

Wood Jr, T.; & Csillag, P. (2001). Estética Organizacional. *Organizações & Sociedade*, 8(21), Maio/Agosto. 26 de junho de 2025